

Para cada momento, um tecido

Os tecidos vêm do Congo, de Costa do Marfim, de Angola e de outros países da África. De Camarões, além dos panos, veio também o sócio-fundador da Loja Afrikanus, René Mapouma, 32 anos. Os pais dele trabalhavam na embaixada e, há mais de 15 anos, vieram para Brasília. Quando voltaram para Camarões, René e o irmão escolheram ficar na capital brasileira, onde já trabalhavam e tinham novas raízes.

Atuando como professor de inglês e francês, René e uma amiga do Sudão começaram a importar tecidos africanos com cores e estampas que não conseguiam encontrar por aqui e ali e passaram a vender algumas das peças. “Começamos em 2015 e só vendíamos os panos mesmo, sem criar nada com eles. Alguns clientes queriam o tecido, apesar de não saber o que fazer com eles, e ali começamos a dar algumas ideias de turbantes e faixas de cabelo”, lembra.

Ao perceber que a demanda crescia e os compradores pediam cada vez mais ideias, além dos turbantes e das faixas, René e a sócia resolveram mostrar tudo o que eram capazes de criar a partir daqueles tecidos. Brincos, colares, almofadas e

roupas em diversas modelagens começaram a fazer parte do catálogo da Afrikanus.

A criação de peças com DNA africano misturado às referências afro-brasileiras e aos pedidos de cada cliente, que trazem consigo ideias e modelos para suas encomendas, levou a um trabalho ainda mais expressivo no que diz respeito ao fortalecimento da cultura negra.

Ativismo

A Afrikanus começou a promover palestras e workshops com personalidades do ativismo negro, trabalhando os costumes africanos e suas referências estéticas, mostrando as origens e o significado de cada cor e estampa escolhida, além de oficinas de turbante.

René reforça a importância desse tipo de iniciativa quando se fala em moda africana. “Nos costumes africanos, nada é feito sem lógica, tudo tem um simbolismo e cada pedacinho representa alguma coisa. Temos tecidos especiais para casamentos, outros que representam o luto, alguns usados em comemoração ao

nascimento de bebê e por aí vai”, ensina.

O empreendedor acrescenta que os elementos da natureza, como animais e plantas, fazem parte da identidade da moda do continente, o que acaba sendo reproduzido no Brasil também. René acredita que difundir esse tipo de informação não se limita à estética ou mesmo a entender o que se usa. Vai além, sendo parte de um processo de reconhecimento ancestral. “Trazemos elementos para que essas pessoas entendam de onde elas vêm. Para que uma criança com uma trança aqui no Brasil, que a mãe dela aprendeu com a avó, seja a mesma de uma criança na África usa”, exemplifica.

O professor menciona os inúmeros elementos em comum entre a cultura afro-brasileira e a africana, explicando que esses elementos podem surgir com outros nomes e podem ser usados por pessoas que não sabem exatamente de onde eles vieram, que fazem escolhas inconscientes, mas, quando estudam, percebem que são parte da ancestralidade.

“Nada disso são apenas coincidências. São as heranças que as pessoas absorveram e, muitas vezes, não sabem de onde. Nosso papel é colocar as coisas em seu devido lugar, mostrar que essa cultura brasileira, embora seja local, tem suas raízes no continente africano e pertence ao povo negro. Hoje, muitos negros conseguem reivindicar o que sempre nos pertenceu”, completa.

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Sócio-fundador da loja Afrikanus, René Mapouma começou o negócio trazendo tecidos da África